

O anarquismo luta por uma sociedade de harmonia entre os povos, baseada em bem-estar e liberdade

SÃO PAULO, 2 DE JUNHO DE 1948

ANO 31 — NUM. 16 (Nova fase)

A PLEBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00)

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

O anarquismo é a condensação das mais elevadas aspirações que vêm animando a evolução da humanidade.

Desequilíbrio Internacional e Solução Libertária

PANORAMA DO VELHO MUNDO

Ao lançarmos, consternados, o olhar pelo panorama do mundo, encontramos este pavoroso acervo da herança do regime capitalista-burguês: — guerras coloniais, guerras internacionais, fome ao lado da fartura pletórica de produtos armazenados pelos açambarcadores do cambio-negro, instabilidade das sociedades e dos homens, imoralidade e corrupção dos governos, luta de classes, odios e invejas, exploração de sentimentos e escravização moral e física de tudo e de todos!

Estamos em estado de guerra permanente. Vencido o fascismo, que provocou a guerra em consequência do seu extremado zelo pelo princípio de autoridade, a guerra continua com o pretexto e em nome da democracia. Nos campos da Europa, da Ásia, da África e no Oriente Médio, os grupos políticos que expressam a vontade e os interesses do capitalismo atiram uns contra os outros os povos da mesma raça, demonstrando a fragilidade do princípio nacionalista e do seu tão decantado patriotismo. Temos, assim, a guerra na China, onde os chineses se matam uns aos outros numa luta civil que dura há muitos anos; a revolta e as lutas partidárias da Índia; a guerra civil na Grécia; os países balcânicos submetidos à tirania bolchevista e esmagados sob o tacho militarista-policia dos governos totalitários que superam o próprio sistema fascista em ferocidade. Por outro lado, criado pela ONU, que lhe deu a paternidade, temos o Estado de Israel, na Palestina, e os países árabes, em luta de exterminio, servindo ao jogo

Em meio à pavorosa decomposição do regime capitalista, de lutas e odios, de crimes e guerras, de miséria e dor, o ideal libertário é um raio de esperança!



Não seria preciso que isto se verificasse?...

diplomático das grandes potências numa nova ameaça de guerra mundial.

No meio de tudo isso, a fome que ronda os lares dos povos devastados pela guerra, terras calcinadas pelo fogo das metralhas e improdutivas, populações imbecilizadas e desvestidas pela destruição de seus lares e haveres; em suma: miséria! Miséria moral, miséria física, crise econômica, crise de habitação, crise de sentimentos, desequilíbrio e decomposição das sociedades humanas, cada vez mais afastadas do caminho da fraternidade e do amor.

E as causas de todo esse fla-

gelo; as causas dessa podridão social que faz de todos os indivíduos inimigos e rivais em aguçada atitude de desafio, residem única e exclusivamente na existência do Estado, no princípio de autoridade, que é oposto e incompatível com o princípio de liberdade.

INQUIETAÇÃO PAN-AMERICANA E REALIDADE BRASILEIRA

Se isto acontece na Europa e nos países do velho mundo, não estamos nós, americanos, em melhor situação? Mau grado as conferências de Petropolis,

de Bogotá e outras conferências realizadas com o propósito de afirmar os princípios do pan-americanismo, os interesses criados pelas incompatibilidades do industrialismo em franca concorrência pela conquista de mercados, provocam desconfianças e rancores entre as nações americanas, criando um ambiente de intranquilidade e apreensão. A Argentina, tendo à frente de seu governo o chefe do peronismo, com os olhos de duas grandes potências voltadas para a sua política sinuosa e insincera — a Inglaterra e Estados Unidos — constitui uma preocupação constante na

política pan-americana. Os outros países da América do Sul e da América Central gravitam em torno desses interesses, modelando a sua política de acordo com os desejos dos banqueiros de Wall Street ou da diplomacia inglesa. Por toda a parte a instabilidade é a mesma: lutas de partidos, incompetência governamental, desorganização administrativa, revoltas surdas de odios que fermentam nos bastidores de política, cambionegrismo e ameaças de tirania com pretextos de salvaguardar as instituições.

No Brasil é o que estamos vendo: os partidos políticos em francas divergências, ameaças de intervenção federal em vários Estados, corrupção burocrática, predomínio dos grupos financeiros, desorientação geral.

Por cima de tudo isso, a crise se agrava dia a dia, a instabilidade do nível de vida põe as populações em contínuas e inquietadoras apreensões, disputas parlamentares, mercantilismo nas funções governamentais, cada vez maior abismo nas relações entre o capital explorador e o trabalho explorado!

E o pior é que não há solução, nem cá nem lá, para os problemas humanos dentro da atual sociedade. Só o estabelecimento de uma organização composta de povos federados e unidos pelos sentimentos da solidariedade, ligados pela preocupação do apoio mútuo, sem autoridade e sem governos, pode pôr fim ao desequilíbrio internacional e continental.

Essa é uma solução libertária, única solução.

SOUZA PASSOS

CENTRO DE CULTURA SOCIAL

SUAS FINALIDADES E A OBRA QUE VEM DESENVOLVENDO

O Centro de Cultura Social é uma organização cultural há anos incorporada à vida pública de São Paulo, uma coletividade aberta a todas as correntes inovadoras, a todas as inquietudes humanas. Tendo por ponto de partida a liberdade, traçou seu desenvolvimento neste postulado em prol dele, e, trabalha pelo máximo desenvolvimento intelectual e moral de seus cooperadores.

Todos quantos se interessem por uma cultura que conduza à formação de uma nova personalidade, livre de atavismos religiosos, da intolerância, característico das mentalidades autoritárias e das baixas preocupações de política, podem pertencer ao seu quadro social.

Os sócios desta instituição permanecerão nela enquanto interessados na difusão de uma cultura livre, tanto no aspecto científico como no sociológico, qualquer que seja a escola filosófica ou a tendência social a que cada um pertença.

A esta associação poderão trazer, por consequência, o tributo de sua cooperação, estudantes, obreiros manuais, homens de profissões liberais, periodistas, advogados, médicos, artistas, etc.

Entre outros propósitos imediatos o

Centro de Cultura Social consagra sua atenção na difusão de uma cultura elevada, por meio de conferências públicas, palestras comentadas e debates sobre temas que interessam ao desenvolvimento da cultura e que vem sendo realizadas semanalmente.

Na nossa tribuna é permitida a exposição serena de todas as doutrinas e de todas as idéias, sem, de maneira alguma, propagá-las pela paixão sectária.

Todos os problemas que se relacionam com a cultura moderna têm seu mais seguro lugar de exposição na nossa tribuna.

Todos os espíritos inquietos, homens e mulheres estudiosos, quem deseje investigar e saber, quantos sintam a nobre vocação de instruir-se e dignificar-se por uma cultura ampla e sadia têm no C.C.S. sua casa onde são recolhidos com fraternal afeto.

Devemos proclamar a nossa abstenção às atividades político-partidárias e que não pesa sobre nós nenhuma influência dogmática, como não nos escravizamos a qualquer tirania filosófica.

Como complemento dessa obra cultural pela tribuna, o C.C.S. mantém em sua sede, uma biblioteca, em formação, cujas obras, à disposição dos estudiosos, correspondem às matérias de investigações e estudos consensuais de investigações e estudos consensuais

O Festival do dia 30 de Abril

Foi coroado de pleno êxito o festival promovido pelo Centro de Cultura Social e realizado, no dia 30 de abril último, pelo Grupo Teatro Social, no salão do Grêmio Dramático Hispano-Americano.

A concorrência foi grande, enchendo inteiramente o salão de companheiros, simpatizantes e amigos acompanhados, em grande número, de suas famílias.

A parte teatral serviu, mais uma vez, para patentear o esforço dos moços e moças em aprimorar a sua atuação como amadores nas lides do palco. Isso se verificou tanto na representação da peça, como no ato de variedades, constantes de canto, música, recitativos e bailados, a cargo de jovens e menores.

A assistência deu evidentes demonstrações de que o programa foi executado a seu contento.

"Nada", foi a peça, em 4 atos, da autoria de Ernani Fornari, representada de maneira a agradar, que se demonstrou pelos aplausos dos assistentes.

Registrados, vales postais e cheques em nome de Edgard Leuenroth. — Caixa Postal 2162.

A resistencia libertaria em Portugal

Agora, uma notícia que, certamente, agradará aos camaradas brasileiros e de toda a parte: a realização de dois congressos, um das organizações anarquistas de todo o país, para a rearticulação da FARP — Federação Anarquista da Região Portuguesa — e resolver sobre teses de alto valor para o movimento libertário; e outro da CGT — Confederação Geral do Trabalho, que, não obstante a reação, mantem-se em atividade, sempre orientada pelos princípios libertários, continuando aderida à AIT — Associação Internacional dos Trabalhadores, órgão universal do proletariado consciente, que vem mantendo íntegras as normas da luta pela ação direta, à margem da política partidária.

Como se verifica pelo que informo aos camaradas do Brasil, o nosso movimento subterrâneo mantem-se ativo e persistente em seus objetivos.

Relativamente às vítimas das perseguições fascistas, devo informar que, além dos nossos elementos que se encontram nas garras da reação em outros pontos do país, tivemos informação de Coimbra que se encontram na Penitenciária daquela cidade os ativos militantes anarquistas Emídio Santana, Vaz, Rodrigues, Pinto da Cruz, José Lopes e Damião Pi-

menta, vítimas de um dos mais monstruosos processos organizados em Portugal pelo fascismo.

Sempre confiantes que a nossa grande luta abrirá para a humanidade uma rota que nos conduzirá à liberdade, em nome da Aliança Comunista Libertária endereçamos aos camaradas brasileiros as nossas calorosas saudações anarquistas.

De algum lugar de Portugal, Março de 1948.

JOSE' ALENQUER

Secando Ideias...

É justo que o esforço de tantos séculos, que a inteligência de tantas gerações, que o sangue de tantos homens de coragem e o sofrimento de tantas raças, que tudo isso, enfim, venha simplesmente terminar nessa miséria, nesse opróbrio que anda por aí? É justo?

LIMA BARRETO

Portugal Salazarista

O QUE NOS CONTA UM ANTIGO MILITANTE LIBERTARIO

De um antigo militante anarquista lusitano, que também esteve no Brasil, foi recebida uma carta, da qual extraímos os trechos que julgamos poder interessar aos leitores de "A Plebe".

"... apesar de tudo, ainda nos reunimos para deliberar e trocar impressões sobre as coisas que mais de perto interessam à nossa sensibilidade anarquista, ao nosso fetiche de homens de idéias; a quem incomoda e aflige a caótica situação atual do mundo e que desejamos lutar e lutam pela consecução da mais alta compreensão entre os homens.

O nível de vida em Portugal é, desgradamente, dos mais baixos da Europa. Só quem nunca daqui saiu é que pode acreditar que em Portugal se vive bem. Aqueles que, como eu, andam por esse mundo, trabalhando no Brasil (como eu recordei com saudades entranhadas aqueles 14 anos da minha juventude, sonhadora e inquietante, ou na África, na Espanha, na França, sabem perfeitamente que a vida aqui é de permanente miséria — para o proletariado, bem entendido!

Aqui, não é propriamente a falta de trabalho o que mais importa. É que se paga mal a quem produz — e só uma pequena minoria dos que trabalham tem uma situação relativamente melhor.

Dum modo geral, vive-se com as mais angustiosas dificuldades.

Como não de viver os trabalhadores que percebem míseros salários. Sabemos bem: vivemos como af os de igual condição, os de trabalho penoso e mal pago, habitação acanhada e sem higiene, e o mais que não é preciso dizer.

O que aqui ocorre, verifica-se em

toda a parte. Ou não fosse mal devido ao regime capitalista, à existência mesmo da propriedade privada, que é a fundamental causa de todas as misérias sociais de toda a dificuldade que nós combatemos e desejamos suprimir a todo custo.

Esta situação dos que trabalham, odiosa inegavelmente, não se pode evitar na sociedade presente. É fruto natural do sistema em que se vive. É nessa precariedade de salários que assenta a exploração que a burguesia exerce através de suas instituições políticas e econômicas, hoje dominantes — e sem a supressão das quais sempre haverá quem viva em tugúrios, em casebres insalubres e indecentes; quem esteja obrigado a recorrer à caridade pública em caso de doença; quem apenas vista e calce aquilo que parentes e amigos menos "apertados" possam dar...

Conhecendo-se as consequências da tirania fascista, pode-se calcular as dificuldades com que aqui temos de enfrentar na nossa luta contra semelhante estado de coisas. Escascelamos os elementos de propaganda, pois difícil e raramente aqui se recebe a nossa imprensa de fora, juntando-se a isso a dispersão de inúmeros militantes, ou peregrinação pelo mundo, além daqueles que se encontram nas prisões ou impedidos de agir por circunstâncias várias.

Não obstante todos esses prejuízos, continuamos a lutar em prol do resurgimento do movimento proletário orientado pela nossa florida Confederação Geral dos Trabalhadores, obra anarquista que aqui tem fundas raízes. E devemos de vencer.

Saudações libertárias aos nossos militantes brasileiros".

A luta internacional anti-fascista

O fascismo ainda vive e age por toda a parte, exigindo, por isso, redobrada energia da parte do elemento libertário — seu verdadeiro inimigo — que continua a combatê-lo decididamente.

Essa luta exige um movimento de solidariedade em favor das vítimas da reação, movimento esse que se manifesta na atuação individual dos militantes, de agrupações e de uma organização de caráter geral — SIA (Solidariedade Internacional Anti-fascista), que desenvolve sua atividade nos vários países e, principalmente, nos Estados Unidos e na França.

Não obstante as grandes dificuldades de toda a ordem que deve vencer, esse movimento vem prestando apoio valioso aos combatentes vítimas dessa luta. E a sublimidade das manifestações de solidariedade devem servir de incentivo para que redobremos os nossos esforços para a consecução de meios para transformá-los em energias eletrizantes para que as batalhas antifascistas se tornem continuas a esse repelente monstro que não se sente cansado de tantas e tão nobres vítimas deglutir.

Apaz-nos constatar as aflições sob o peso das quais quasi socumbem os libertários mais encarniçados e cuja personificação mais lídima se acha nos lordes britânicos, nos senadores norte-americanos, em toda a hierarquia sacerdotal e na fina nata burocrática dos partidos bolchevistas que, ora ostensiva, ora veladamente, se opõe à marcha triunfal do movimento libertário de renovação social.

Psicologicamente, os povos europeus estão preparados para o assalto à vestusta e carcomida fortaleza burguesa. Compentridos desta verdade, todos os reacionários se congregam para a mútua defesa na undécima hora.

O Vaticano envia os seus embaixadores para onde pode para organizarem a reação e é por isso que nas múltiplas conspirações que, de há tempos a este momento, se vêem urdindo, em todas se acham pegadas indelevels das hostes papalinas.

O Papa é realista: lança as ostias às urtigas e convida os novos cruzados à empunha as carabinas para a defesa da sifilizada e cancerosa Igreja. Esta ainda se julga com o poder desordenário que outrora lhe serviu de pedestal, e é por isso que, sem reparar que os seus alicerces estão sendo destruídos pela picareta anarquista, em alguns quadrantes se apresenta arrogante, a intrometer-se em todos os assuntos da vida, quando a sua missão é pregar o ódio, matar o amor nas sacrossantas aspirações humanas para que a vida constitua o tormento que a humanidade vem arrastando desde tempos imemoriais até a este crucial momento, em que assistimos à derrocada dos mitos políticos, dos mitos religiosos e ao aniquilamento do sistema de defesa duma sociedade que está prestes a morrer.

A besta fascista caiu com alguma perna partida e alguns órgãos destruídos. Neste momento começa a querer levantar a cabeça. Os homens que à liberdade ofereceram o melhor da sua existência velam atentamente perto da cabeça da apocalíptica cavalcadura, dispostos a abate-la de vez. Esses homens sentir-se-iam desonrados se esse horrendo animalão voltasse a empreender veloz corrida pelo mundo e com os cascos fosse apagando os luminosos factos que já estão aparecendo em vários pontos do orbe.

Sim, anti-fascistas, há que velar e dispor-nos para a luta, porque o fascismo não morreu, como falsamente nos querem fazer acreditar. O fascismo acocita-se atrás dos altares, embosca-se nas mansões dos industriais, acaçapa-se nos meandros do comércio, aninha-se no íntimo dos grandes e pequenos exploradores, protege-se sob as fardas de altas patentes, e escritores e jornalistas venais também dispensam caridosos afagos a este erótico animal. Ele está esperando que a dentuga se refaça e as unhas lhe cresçam, se o proletariado não se dispuser a abate-lo, para cravar-lhas no coração, para que as visceras do moderno Prometeu lhe sirvam de pasto.

O movimento libertário reitera o seu apelo aos homens que, apesar de terem que navegar por este oceano encapelado de ambições, não se deixarem submergir, lembra-lhes a grande conveniência que há em contribuírem para as iniciativas de solidariedade antifascista que tão ordorosamente a militância anarquista está levando por diante sem desfalecimentos.

Salbamos interpretar o sentido da luta anti-fascista, e para tal engrossamos o cortejo da flamante liberdade.

A.M.V.

Propósitos Libertários

Com a desorganização consequente das duas ultimas grandes guerras, verificou-se uma decadência de civilização que se havia fulgado, mais do que nenhuma outra, intangível e insubstituível; unido ainda ao desastre das instituições religiosas, econômicas e políticas, vem-se manifestando, cada dia com mais virulência, uma reação sistemática das mais baixas paixões e dos mais retardatários instintos.

As hostes negras, que representam sempre a exaltação das inclinações ancestrais, conjuraram-se em todo o mundo chamado civilizado para interpor-se, por todos os meios, à marcha da cultura e do progresso.

Operando com o beneplácito dos poderes públicos, apoiados pelo capitalismo, auxiliados pelo clero, e, ante a mais desconcertante indiferença da massa desorientada pela ação deletéria dos políticos de todos os matizes, os elementos totalitários intensificam, sem cessar, a propaganda para a conquista do Estado e para o exercício do terrorismo governamental.

Ante a barbarie ameaçadora defronte à ressurreição do passado, no que ele tem de mais cruel e vergonhoso, o movimento libertário age com o propósito de propiciar uma reunião de vontades fortes em defesa de todas as conquistas do progresso e da liberdade, facultar a concessão de todos os pensamentos ativos, facilitar a convergência das consciências retas e dos corações abnegados; procurar uma conjunção de todas as forças criadoras.

Queremos elevar e projetar em um horizonte sem limites a aspiração superadora que anima os que amam a liberdade. Mas incorremos em mimetismo e no erro de submeter a uma quadricula homens plenos de energia e de vida.

Rechassamos, com todas as nossas forças, a submissão individual ou coletiva ante códigos estranhos ou regulamentos próprios.

No terreno cultural almejamos exaltar a vocação de quantos sintam paixão pelo estudo, os bons desejos dos auto-didatas para alcançarem um lugar cada vez mais alto na montanha empinada do pensamento.

Durante séculos, uma educação brutal e uma convivência irracional tem deprimido os seres humanos. Ambicionamos sua elevação e dignificação.

A sociedade contemporânea automatizou o homem; nós desejamos humanizá-lo.

O passado tornou-o escravo; o porvir o fará livre.

G. SOLER

Toma vulto o movimento anarquista em todo mundo

PREPARA-SE UM CONGRESSO INTERNACIONAL

Vencendo mil obstáculos, o movimento anarquista ressurgiu por toda a parte. Em todos os países constituem-se agrupações para iniciativas as mais diversas, que se reúnem em federações regionais, promovendo-se congressos com pleno êxito. E todo esse movimento é refletido numa imprensa já numerosa e viva.

Com o fim de articular internacionalmente esse movimento, há meses vem sendo desenvolvida um ativo trabalho no sentido de ser realizado o Congresso Anarquista Internacional.

Para preparar esse congresso, foi constituído o Secretariado Provisorio de Relações Internacionais (SPII), que nos enviou a seguinte comunicação: "Para conhecimento dos resultados da campanha pró Congresso realizada no movimento anarquista desde 1946 até a presente data, assim como da proposição do Secretariado Provisorio das Relações Internacionais, com data de 18 de fevereiro de 1946;

Considerando que o desejo unânime dos companheiros de todo mundo, que responderam ao chamado para a realização deste Congresso Internacional, num mínimo de tempo, mesmo no caso em que tivesse de ser reduzido em numero;

Considerando que se ha proposto a realização deste Congresso em qualquer país da Europa Ocidental que ofereça maiores garantias de segurança: França, Itália, etc., (segundo proposições finis sobre o caso);

Considerando, por outra parte, que o Secretariado encarregado da realização do Congresso Anarquista Internacional não pode excluir, de antemão, e por simples razões de geografia política, a nenhum grupo de companheiros anarquistas desejosos de participar nos gastos a fazer-se com o Congresso, na sua organização, nos seus debates e nas suas decisões;

Considerando que, além dos países "democráticos" da Europa Ocidental, este Secretariado recebeu a adesão entusiasta à ideia da realização de um Congresso dentro do mais breve tempo possível e a promessa de uma participação efetiva por parte das organizações anarquistas latino-americanas, ibéricas, balcânicas e dos movimentos libertários espanhóis no exílio, etc.;

Considerando, que por cima de tudo são os anarquistas de ultramar, dos países ditatoriais e dos que se encontram sob ocupação militar, etc., os que por si mesmos não de prezar as dificuldades e perigos que lhes há de acarretar o seu desejo e voluntário deslocamento, e que, portanto, seria inadmissível desconsiderar a estes companheiros e deixar em segundo lugar companheiros ativos e pioneiros entusiastas;

As Federações, Grupos e companheiros signatários decidem:

1.º) outorgar seu mandato ao Secretariado Geral Pró Congresso para que este organize, em França ou qualquer outro país favorável, um Congresso Anarquista Internacional sem limites continentais.

2.º) O Congresso será aberto a todos os delegados do Movimento Libertário organizado em todo mundo, assim como os companheiros isolados — reconhecidamente anarquistas — que desejem tomar parte nos trabalhos com caráter individual.

3.º) Caberá ao próprio Congresso determinar as medidas necessárias à regulamentação das suas funções e de esclarecer sua posição frente às tendências um tanto extemporâneas a fim de poder realizar um trabalho sólido e construtivo.

4.º) O Secretariado Pró Congresso elaborará uma ordem do dia provisória sintetizando as diversas proposições recebidas neste sentido; esta ordem do dia será submetida ao referendun das organizações aderentes, a fim de ser estabelecida a Ordem do Dia definitiva;

5.º) Uma vez estabelecida a Ordem do Dia, o Secretariado confiará às diversas organizações (tendo em competência e as predileções particulares de cada uma, bem assim as sugestões manifestadas por todos), o desenvolver dos temas, preparação do noticiário, informações, etc.

6.º) O Secretariado dará conta de suas atividades perante o Congresso, confiando a este a tarefa de decidir acerca das formas e funções do futuro organismo internacional.

TERESA PERES

Um nosso número 14 noticiamos o falecimento, no Rio de Janeiro, da jovem companheira Teresa Peres, filha de nosso velho e dedicado camarada Manuel Peres, prometendo publicar no número seguinte a carta na qual este companheiro nos deu a triste notícia. Acontece, porém, que com o acúmulo de matéria própria para o número de 1.º de Maio, muitos originais tiveram de ficar fora e, entre eles, a referida carta.

Como foi ela divulgada no último número de "Ação Direta" e lida por

todos os nossos elementos, parece-nos já não ser indispensável a sua publicação na "A Plebe".

Nessa carta se evidencia toda a ternura de sentimentos do nosso camarada, que nela nos conta a dedicação que lhe dispensava a boa Teresinha, acompanhando-o em todas as atividades de sua vida atribulada e participando de seus entusiasmos e de seus dissabores de militante infatigável.

Aproveitamos a oportunidade para reiterar as nossas manifestações de solidariedade ao bom camarada, tão duramente ferido em seus sentimentos afetivos.

A Alemanha Libertária

ANTIGAS TENDENCIAS ANTI-AUTORITARIAS E ANARQUISTAS

Contrariamente a uma opinião muito em voga, sempre existiu, na Alemanha, forte corrente de oposição ao Estado e às disciplinas impostas pelo mesmo. Sem nos remontarmos aos homens da Renascença e da Reforma, aos anabatistas e aos camponeses insurretos, não resta dúvida que as idéias libertárias foram, em diversas formas, pensadas e até mesmo vividas por certos meios "iluminados" no XVIII século, pelos liberais revolucionários e pelos românticos nos alvares do século XIX, e depois pelo grupo dos jovens hegelianos "Freien" (do qual fazia parte Max Stirner) e para a imigração intelectual de 1848 com Moses Hess, Karl Goren, Herwegh, etc.

Mais tarde, uma ala antiautoritária do movimento operário se manifesta nos povos de língua alemã e nos lugares que serviram de refúgio aos proscritos. Na própria Alemanha, a escola de Dühring manifesta-se contra o ensino oficial: uma tendência do anarquismo terrorista se desenvolve com as tentativas regicidas dos Nobling, etc.: foram feitos esforços para criar no seio do proletariado um clima de autonomia pessoal e local.

Mau grado as suas pretensões monopolizadoras, jamais a social-democracia, centralista e politiqueria, conseguiu o domínio absoluto do socialismo e das organizações sindicais na Alemanha. Nunca, como então, os meios artísticos e intelectuais ofereciam tantos exemplos de rebeldia como a que foi inspirada por Schiller, Beethoven, Henri Heine e tantos outros paladinos da cultura alemã. No domínio das ciências humanas e da psiquiatria, Freud e a escola de Viena tiveram maior influência e trabalharam mais eficazmente pela libertação dos homens, do que o autocrata Adolf Hitler pela sua escravização. O

anarquismo internacional deve aos pioneiros John Most e Joseph Dietz-gne; aos mártires Ling, Engel, Spies, Neebe e Schawyb; aos oradores Friedlander e Fritz Kater; aos escritores Landauer, Muhsan, Foller, Pleueft, Ramus (para não citar senão os mortos) uma inesquecível soma de gratidão.

Dito isto, devemos concordar, entretanto, que o terreno social alemão, com as suas tradições fortemente gregárias e militaristas, com o deslize muito frequente de um pensamento estudioso e preocupado, com o doutrinarismo, foi sobretudo particularmente ingrato para os semeadores da ideia e do exemplo individual. Na Alemanha, o direito à ação individual é dificilmente reconhecido fora das consagrações duma ideologia e de uma responsabilidade coletivas. A Alemanha é o país de ordem, onde até os anti-organizadores ("organizationegner") formam grupos disciplinados e exclusivistas. Trata-se, evidentemente, de uma questão de psicologia e de meio ambiente, de tal maneira acentuada que ao forasteiro se torna necessário, si quiser ser bem acolhido, renunciar à pretensão de modificar o caráter e as particularidades nacionais das camaradas alemãs; isto seria privá-los, ao mesmo tempo, de certas qualidades que lhes são próprias.

ENSINO DO ESPERANTO

O Grupo Laborista Esperantista prossegue com seu curso da língua auxiliar esperanto, realizando aulas gratuitas, para ambos os sexos, todas as quartas-feiras, à rua José Bonifácio, 387, sala 10, sede do Centro de Cultura Social, que patrocina essa iniciativa.

LIVROS QUE RECOMENDAMOS

"Proudhon" — (Su vida y su correspondencia) — Casainte Beuve — edição castelhana	Cr\$ 35,00
"Malatesta" — (Su vida y su pensamiento) — Luigi Fabbri	Cr\$ 35,00
"Em torno de uma vida" — Pedro Kropotkine	Cr\$ 35,00
"Luiza Michel" — (La virgen roja) — Irma Boyer, enc.	Cr\$ 45,00
"Teses da existência e inexistência de Deus" — Charles Duclax	Cr\$ 20,00
"As idéias absolutistas do Socialismo" — Rudolf Rocker	Cr\$ 15,00
"El apolo mutuo" — Pedro Kropotkine, enc.	Cr\$ 70,00
"La historia de la Revolución Francesa" — Pedro Kropotkine	Cr\$ 85,00
"O que es la Propiedad?" — Proudhon, enc.	Cr\$ 40,00
"El anarquismo no alcance de todos" — José Otletica	Cr\$ 12,00
"Sermões da Montanha" — Tomás da Fonseca	Cr\$ 40,00
Pedidos à Caixa Postal, 5739 — São Paulo — Capital	

Anarquismo e Comunismo

II e FIM

Mas de que forma, porque meios o governo dirige os destinos dos indivíduos? Metendo-os na cadeia, no caso de pedirem um pouco de bem-estar. Metralhando-os nas praças públicas, em caso de quererem protestar contra uma ordem ou lei lesiva ao patrimônio político social ou econômico da nacionalidade.

Os trabalhos produtivos são de iniciativa particular, e o governo só intertem nessas iniciativas para prejudicá-las. A intervenção governamental no comércio ceifeiro foi um verdadeiro desastre para os cafeicultores, que foram obrigados a pagar, em quotas de sacrifício, mais da metade do valor por que era vendido o café no exterior. A intervenção no comércio de frutas cítricas foi um verdadeiro escândalo: as frutas vendidas em Londres eram pagas em libra ouro, no valor que oscilava entre Cr\$ 100,00 e Cr\$ 120,00 e o Banco do Brasil, que controlava o recebimento das importâncias enviadas de Londres, pagava, em libra papel, no valor de Cr\$ 54,00 a. Cr\$ 64,00!

Os produtos agrícolas que abastecem as grandes cidades são o fruto do trabalho de indivíduos que não conhecem nada de leis nem de governos. O trabalhador ergue-se diurnamente, ao amanhecer e vai para a oficina, fábrica ou escritório, não para obedecer uma ordem governamental (que pouco se importa que o trabalhador rebente de fome debaixo de qualquer viaduto ou nas favelas), mas para satisfazer a imperiosa necessidade econômica, sua e de sua família. Em tempos de eleições o trabalhador vota, na maior parte das vezes, à esmo, certo de que tanto faz votar em Paulo como em Pedro, não lhe interessando os destinos da pátria, que, ele sabe, roubar-lhe-á o filho querido, quando este mais falta lhe irá fazer, no amanho da terra ou no aporte de recursos econômicos com que equilibrar seu orçamento doméstico. E não são apenas trabalhadores braçais os que estão completamente à margem do governo. O médico espera porventura ordem governamental para correr a cuidar de um enfermo? O engenheiro necessita de ordem para descobrir a força expansiva do vapor, a propagação da onda elétrica no aterramento da curvatura das asas de um avião? E o intelectual, precisa pedir inspiração ao governo para criar suas imagens, compor seus idílios ou discorrer sobre filosofia especulativa?

Não. Nos serviços produtivos, o governo só intertem para prejudicar sua marcha ascendente. O produtor em nada necessita da intervenção do governo para desenvolver seu trabalho e, se assim é, porque não podemos viver em comunismo anárquico, que outra coisa não é do que uma sociedade onde todos sejamos, economicamente, iguais?

O comunismo anárquico não admite centralização de qualquer espécie, nem mesmo da organização sindical, que, dentro dos novos moldes da sociedade, perderá a sua razão de ser.

O trabalho de reconstrução da nova sociedade pertencerá à iniciativa li-

bertaria do povo — e do que ela é capaz provaram-no à saciedade, as coletividades dos camponeses e as oficinas e fabricas socializadas pelos trabalhadores durante a revolução de 1936-39 na Espanha, iniciativas essas organizadas, em sua grande maioria, não por ordem de quem quer que seja, mas pela ação direta dos anarquistas e dos trabalhadores por eles orientados, tendo, por isso, um caráter nitidamente libertário e não classista.

Anarquia é a liberdade integral do indivíduo dentro da sociedade.

Comunismo quer dizer igualdade econômico-social de todos os indivíduos. Dentro desse regime, as terras, os instrumentos de trabalho e todos os bens sociais, assim como o produto do trabalho, manual ou intelectual, do indivíduo e da coletividade, será patrimônio comum.

Coletivismo — baseado no princípio de que a terra e os instrumentos de trabalho pertencem à coletividade, mas o produto é propriedade de quem o produz.

Socialismo — Sistema de acordo com o qual tudo passa a pertencer ao Estado, que será o gestor de toda a vida social. (Socialismo é aqui considerado, não de acordo com sua significação histórica, mas encarando-o de conformidade com a concepção dos elementos agrupados sob essa designação em partidos políticos. — Nota da Red.)

Sindicalismo — Movimento sindical dos trabalhadores destinado à defesa de seus interesses.

Anarco-sindicalismo — Movimento sindical dos trabalhadores de orientação libertária, animado pelos anarquistas, por meio do qual, além das conquistas, pela ação direta, de melhorias imediatas, o proletariado encaminha as suas lutas com a finalidade de transformar a sociedade no sentido do comunismo anárquico.

Cooperativismo — Movimento de cooperação por meio do qual os consumidores se reúnem, sem distinção de elementos, para, por meio da cooperação, adquirirem o que precisam sem a exploração dos intermediários, comprando diretamente dos produtores, que também se poderão organizar para a produção cooperativa. Devido à sua estrutura neutral quanto a ideologias, o cooperativismo não tem nenhuma finalidade político-social determinada.

Bolchevismo — Partido político-social surgido na Rússia em consequência de uma divisão dos elementos marxistas em duas facções: bolcheviques (maximalistas) e mencheviques (minimalistas, tendo, posteriormente, em congresso, os bolcheviques) ou bolchevistas, resolveu adotar o nome de Partido Comunista. Foi esse elemento que, durante a revolução do povo russo, por meio de manobras políticas, conseguiu tomar conta do poder e implantar uma ditadura de seu partido, com o nome de ditadura do proletariado e que, desvirtuando as finalidades libertárias da revolução, domina até hoje, por meio do mais completo aparelhamento de compressão até hoje conhecido.

J. P. GUTIERREZ

1.º DE MAIO de Reação e Mistificação

A ATITUDE DOS LIBERTARIOS

Transcorreu o 1.º de Maio deste ano num ambiente de reação — igual e na maior parte dos países onde o proletariado organiza-se para a luta em prol de seus direitos.

CAUSTICOS SOCIAIS

Um sacristão mostra a um generoso visitante as rendosas reliquias dum rica catedral.

— Aqui está a cabeça de S. João Batista...

— Ora essa! — exclama o visitante — mas na minha terra natal existe também uma cabeça do santo precursor!...

— Pois sim, — explica amavelmente o escorropicha-galhetas: — mas esta é de quando ele era criança...

— Foi um noivo confessar-se, para casar no dia seguinte, e logo de começo lhe pergunta o padre:

— Sabe os mistérios da Paixão e Morte?

— Não, senhor: é a primeira vez que ouço falar disso.

— Oh! senhor, pois é uma coisa que toda a gente sabe!

— Então porque está dizendo que são mistérios?

No Brasil, a data caracteristicamente proletária — de protesto contra a exploração e tirania capitalista e de afirmação de propósitos de luta — teve a sua comemoração, inteiramente desvirtuada. Os trabalhadores sujeitos ao domínio da burocracia sindical que age sob as ordens governamentais tiveram de participar de concentrações e passeatas oficiais, nas quais apenas se tratou de politicagem e de bajulações aos elementos que escravizam a organização proletária ao domínio ministerial. Muita festança de envolta com sessões "cívicas" destinadas a homenagear quem tudo pode e manda.

Como sempre se fez, o elemento libertário de S. Paulo havia promovido um comício, que seria realizado no Salão Celso Garcia, já alugado para esse fim. Seria, naturalmente, uma manifestação, a exemplo das dos anos anteriores, coerente com a significação histórica do 1.º de Maio.

Mas não pôde ser realizada, em virtude de proibição policial. Entretanto, os anarquistas não deixaram passar despercebida a gloriosa data. Não sendo possível reunirem-se com o povo em manifestação pública, reuniram-se entre si e, assim, realizaram a sua comemoração, falando vários militantes sobre a significação da data, contra os preparativos de nova guerra, bem como sobre a situação político-social do mundo.

Ao operariado de todo mundo

UM CHAMADO DA A.I.T. A LUTA PELA LIBERDADE

Do Secretariado da Associação Internacional dos Trabalhadores (A.I.T.), com sede em Estocolmo, recebemos o seguinte apelo dirigido ao proletariado internacional:

"Não haverá paz nem liberdade no mundo enquanto existir o capitalismo. O capitalismo de Estado que sob a falsa etiqueta de socialismo já se implantou em vários países, e que continua estendendo a sua ação, não é, de forma alguma, mais pacifista que o capitalismo privado suprimido por este sistema. Ao contrário, o mundo está, atualmente, dividido em dois blocos que preparam, com todas as suas forças e energias, uma terceira guerra mundial — uma guerra terrível sob a influência da bomba atômica, que ameaça de destruição total toda a civilização humana.

Não haverá paz nem liberdade no mundo, tampouco, enquanto existir o sistema de Estado e de governo, sistema autoritário que põe nas mãos de um grupo de "gangsters" qualquer, mais ou menos grande, o poder de mandar os povos para os campos de batalha.

O princípio de autoridade é a negação da liberdade; e a exploração capitalista, privada ou dirigida pelo Estado, está em oposição às civilizações humanas e representa uma ameaça permanente contra a paz.

Os blocos oriental e ocidental estão em vias de se atirarem um contra o outro. O bloco bolchevista, tendo como centro Moscou, trata de conquistar, antes de tudo, e com a ajuda da sua quinta coluna, o resto da Europa, enquanto que o bloco ocidental, agrupado ao redor de Washington, e Wall Street, mobiliza todos os seus recursos para o contra-ataque.

Moscou trata de conquistar a simpatia das massas trabalhadoras, fazendo-lhes crer que se trata da emancipação proletária, para lançá-las na luta, enquanto que a Europa oriental, submetida à escravidão de Moscou, está aterrorizada com o sistema do partido único e do terror imposto por um sistema de Estado policial e totalitário. Por outro lado, a América trata de ganhar as preferências dos trabalhadores apresentando-se como campeã da democracia e da liberdade — enquanto que o governo norte-americano apoia economicamente o terror sangren-

te do fascismo monárquico na Grécia, e prolonga a vida do regime Franco-fascista na Espanha, moralmente condenado a desaparecer pelo próprio povo. A hipocrisia é a mesma em ambos os lados, pois que todas as potências só aspiram a dominar e escravizar os povos.

Entretanto, uma democracia imperfeita é preferível a um despotismo perfeito, porquanto, esta democracia imperfeita dá, em todo caso, aos trabalhadores, a possibilidade de organizar-se e lutar pelas suas idéias, o que se torna impossível sob a tutela de um regime despotico. Sem embargo, a finalidade da classe trabalhadora é superar a ambas as formas, substituindo-as por uma sociedade libertária.

O sistema de Estado e de governo, combinado com as rivalidades de todos os nacionalismos, já demonstrou a sua incapacidade em dar à humanidade paz e liberdade. Em apenas dois decênios, o mundo suportou o horror de duas guerras mundiais, e a terceira chacinha coletiva está-se preparando nos bastidores da política internacional. Tal sistema não só é incapaz, mas representa ainda terrível ameaça contra o progresso humano. Constitui uma ameaça contra a própria vida. A humanidade deverá concentrar todas as suas energias na destruição deste sistema ou terá que resignar-se a desaparecer na voragem destruidora das guerras.

Em lugar do atual sistema de governo, é necessário que se edifique uma sociedade federativa baseada na solidariedade internacional.

A luta historicamente necessária contra o poder do Estado e do capitalismo é a missão da classe trabalhadora e de todos os seres humanos amantes da liberdade. Mas, na situação fatal em que nos encontramos, os trabalhadores estão divididos em duas facções antagonicas: uns acreditam na salvação por meio da ditadura do proletariado, hoje mascarada com a denominação de democracia popular, enquanto outros sabem que a liberdade não pode ser assegurada por meio da escravidão sob o regime estatal totalitário, e que a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores.

O Esperanto no meio operário

No mundo inteiro, com exceção dos países onde impera a violência, a ditadura, a classe operária agita-se em busca de seus próprios direitos, sempre negados pelos capitalistas, pelos donos do poder. E com a classe operária, os movimentos culturais e filosóficos também procuram marchar ao lado dos trabalhadores, esclarecendo-os, melhorando sua cultura, pondo-se ao seu serviço. E entre esses movimentos está o esperanto. Não podemos nós, esperantistas trabalhadores, deixar de nos interessar pelo movimento que mais se interessa pela difusão do inglês, pois que isto lhes facilita melhor compreensão com os mestres da exploração dos trabalhadores ingleses e americanos da Wall-Street. É nosso dever excluirmos desse grupo de exploradores os trabalhadores desses países, pois eles também são explorados, como o são os trabalhadores de todos os países capitalistas, daí a razão de ser da frase "TRABALHADORES DE TODO O MUNDO UNIVOS!" É evidente, porém, que os trabalhadores de um determinado país, por motivos próprios, têm mais capacidade de luta que os de outro.

Por exemplo, nós, do Brasil, muito temos que aprender, sobre organização, com os nossos irmãos de outros países, onde os sindicatos são independentes, não sofrem a intervenção dos agentes ministerialistas. E como poderemos, nós, trabalhadores, que não temos tempo para estudar linguas difíceis e ilógicas, pois que trabalhamos dez ou mais horas por dia, já que a lei de oito é burlada com a convicção do governo, com as chamadas horas extraordinárias, a que somos obrigados em virtude dos baixos e miseráveis salários, entrarmos em contacto com os nossos irmãos trabalhadores de outros países? Somente por meio do esperanto, idioma extremamente fácil, idioma que não tem as complicações próprias das linguas naturais, como o português, o inglês, etc. É bem provável que alguém argumente com a escapatória de que temos os tradutores. Perguntamos: podem os trabalhadores confiar nos literatos tradutores que mal sabem a língua que falam e que estão a serviço da corrupta classe dominante? Não. Senaculo, órgão da SAT, associação dos esperantistas trabalhadores de todo o mundo, dá-nos notícia de muita coisa que as empresas noticiosas dos exploradores não publicam por não lhes interessar. Para difundirmos o esperanto entre a classe do porvir — os trabalhadores — fundamos no Rio, a LABORISTA ESPERANTA ASSOCIO LANTI, em homenagem ao esperantista e revolucionário camarada LANTI, e o LABORISTA ESPERANTA GRUPO ODILON MACHADO, em homenagem ao médico e democrata; e breve aparecerá MOND-CIVITANO, que levará pelo Brasil e pelo mundo, em esperanto, as notícias sobre os esperantistas trabalhadores. Que outros grupos se fundem pelo Brasil agora.

Companheiros, para a frente, pela vitória do socialismo e do esperanto. O regime dos povos e a língua dos povos.

CELSON ROSA

EXPERIENCIA LIBERTARIA NA PALESTINA

A ORDEM SEM AUTORIDADE NUM AMBIENTE DE BEM-ESTAR E FELICIDADE PARA TODOS

Ainda a propósito do que publicamos em numero anterior a respeito das colonias libertárias do Vale do Emek, na Palestina, o "Freedon", o valoroso e antigo órgão anarquista de Londres, registra mais as seguintes informações, confirmadas, aliás, por correspondentes de vários jornais da imprensa burguesa que estiveram observando a vida entre os judeus naquela região:

"Dois tipos de colonias agrícolas florescem atualmente na Palestina: umas fundadas sob os princípios coletivistas, isto é, os agricultores possuem pequenos lotes de terra, que cultivam com o próprio trabalho e cujos produtos são vendidos através das cooperativas; outras, porém, são fundadas com princípios coletivistas para o gozo comum da terra.

As colonias do segundo tipo, isto é, aquelas que podíamos denominar comunas voluntárias ou coletividades agrícolas, são organizadas segundo os princípios anarquicos: "de cada um segundo as suas forças e a cada um segundo as suas necessidades, e calcula-se que atinge o numero de 160, congregando um efetivo de 45.000 pessoas.

As comunas livres da Palestina não são constituídas por visionários; a maioria dos seus membros — operários e intelectuais — têm como finalidade principal achar uma via prática que os conduza à realização de uma sociedade sã, livre dos preconceitos e das peias que infelicitam os homens na sociedade capitalista-burguesa.

Nestas coletividades ou comunas livres dos judeus não existe dinheiro nem propriedade privada, exclusão feita dos objetos de uso pessoal.

Os bens desta ou daquela colonia pertencem à coletividade, mas não pertencem a ninguém em particular.

Os membros destas colonias têm direito a tudo: dão às comunas o próprio trabalho, e, em troca, recebem delas a satisfação completa de todas as suas necessidades, como vestuário, alimentação, casa, etc.

Possuem estas colonias um caráter distinto no fato de nenhum de seus membros gozarem de quaisquer privilégios.

Os operários (homens e mulheres) trabalham no campo, distribuindo por turno os trabalhos pesados e domesticos.

As funções administrativas estão a cargo do administrador, ou de um comité executivo, mas as pessoas que tomam parte na administração não ficam isentas do trabalho pesado do campo ou da oficina. Além disso, as pessoas encarregadas da administração não podem ocupar os cargos mais do que dois anos, durante os quais podem ser substituídos a qualquer momento pelas assembléias gerais das comunas.

Existem ainda varios comités encarregados das diversas funções na vida das colonias, como, por exemplo, o comité orientador dos serviços agrícolas, o comité de defesa da colonia, o comité para as necessidades pessoais dos membros da colonia, os comités das atividades culturais e artisticas, o comité de higiene e educação, etc.

O mais interessante é que estas colonias não são de fundação recente, nem têm mais caráter experimental. Datam de 37 anos atrás, e foram fundadas em pleno império otomano.

Os primeiros colonos se encontraram cercados de dificuldades e continuamente eram alvos dos ataques por parte dos arabes, instigados por politiquieiros.

Atualmente as coletividades agrícolas da Palestina fazem progressos maravilhosos e dão aos seus membros um nível de vida muito mais elevado do que aquele de que gozam os operários de mais adiantados países do mundo, muito mais alto mesmo do que o nível de vida desfrutado pelos operários norte-americanos.

Os filhos dos coletivistas recebem uma educação que não é permitida aos filhos dos operários de outros países.

Muitos arabes, constatando o feliz resultado pratico das coletividades judaicas, têm seguido o exemplo, melhorando as condições higienicas e a cultura das terras, que as colonias agrícolas dos judeus de bom grado orientam e auxiliam, tomando parte nas próprias experiências dos seus vizinhos considerados inimigos irreconciliáveis.

Baseando-se nos princípios libertários, as coletividades livres da Palestina, desprezando o sistema de centralização bolchevista, resolveram o problema economico com grandes vantagens para os trabalhadores.

A liberdade sindical deve ser uma das reivindicações dos trabalhadores

A PLEBE

SÃO PAULO, 2 DE JUNHO DE 1948

ANO 31 — NUM. 16 (Nova fase)

Buscando a paz = combatamos a guerra!

(Trabalho lido na comemoração de 1.º de Maio)

Não podemos deixar de externar aqui algumas considerações provocadas pelo sentimento de revolta que esta data genuinamente proletária anima.

A jornada sangrenta e gloriosa vivida pelos mártires de Chicago há 62 anos ficará imortalizada na memória da humanidade oprimida, que, animada pelas chamadas do ideal libertário, clama contra mais este monstruoso e vil crime da burguesia.

A virtude daqueles heróis é a virtude de todos os homens que aspiram uma sociedade mais feliz, pela qual lutamos. Na luta que esses idealistas da fraternidade humana souberam, com altivez, afrontar, ultrapassando os limites do sacrifício, ficou demonstrada, nas forças de Chicago, como um desafio à burguesia de todo o mundo, a beleza esplendorosa das aspirações libertárias.

A tragédia da dominação capitalista tem enegrecido os melhores dias da humanidade com suas guerras cada vez mais constantes e horribéis. Vem ele, o capitalismo, tentando sempre amordçar o pensamento sublime de renovação social, insubmisso às leis e aos códigos que humilham e deprimem as manifestações éticas da humanidade, pretendendo condicioná-las aos interesses materiais de seu sistema centralizador.

Nesta última guerra, mais ainda do que na de 1914, os povos foram martirizados, as cidades saqueadas e destruídas, as mulheres desapidadamente violentadas, tendo, depois, de vender-se aos soldados de ocupação, em troca de qualquer alimento para os entes queridos que lhes restavam.

Para a guerra são selecionados os homens melhores, os mais fortes de corpo e ânimo, para serem enviados ao sacrifício e à morte, inutilizando suas energias físicas e morais, desabilitando-os ao trabalho útil, tornando-os insensíveis ao sofrimento alheio e alimentando-lhes os instintos de ódio e vingança.

Com justiça, disse Leão Tolstói que o militarismo é a escola da violência e a maior praga social. O preconceito de pátria é um mito inculcado nos es-

piritos pouco esclarecidos, criado e alimentado pela falsa educação e pela ação dos governantes, cujo interesse sobre a classe proletária, inimizando as nações.

Todos os governos são cúmplices ou forjadores conscientes desse flagelo da humanidade que é a guerra. Os proprietários, as sociedades industriais, comerciais e financeiras que vendem aviões, navios, canhões e armamentos e que emprestam dinheiros às patrias estrangeiras não deixam de falar em patriotismo e, no entanto, agem apenas no sentido de suas ambições, sendo, portanto, a sua pátria o próprio interesse.

Aos trabalhadores pouco importa se esta ou aquela pátria é poderosa, pois eles vivem explorados e oprimidos em todas elas. A opressão não tem nacionalidade. No Brasil, como na Alemanha, nos Estados Unidos, na Rússia ou em qualquer outro país há, oprimidos, em virtude de haver diferença de classes. Os proletários só serão felizes quando se acabar com as fronteiras que dividem os povos, fazendo do universo sua pátria comum, tendo como finalidade o bem-estar geral e como religião a liberdade.

Vários são os fatores que levam os soldados para a guerra: a ignorância, as más condições de vida, a coação nos empregos, a propaganda enganosa, etc. Os militares profissionais seguem para a guerra no exercício da própria profissão ou animados pelas ambições hierárquicas, para a conquista de mais galões, bordados ou medalhas, ou ainda por espírito de sadica aventura.

E não são poucos aqueles que estão longe de se portarem com brio quando procuram conquistar postos que lhes proporcionam situações privilegiadas. Aqueles que se fazem profissionais da guerra acabam dominados por sentimentos menos humanos e o soldado assalariado, para não morrer, mata criaturas que nunca lhe fizeram mal e que mesmo nem sequer conhecia. O soldado, ao partir para a guerra, deixa um mundo de sonhos e esperanças, levando o desespero e a frieza no coração, com os olhos voltados para o desconhecido.

Lá, nos campos de batalha, cessam os cânticos patrióticos, os aplausos das multidões e os discursos bombas-

ticos não encontram mais ecos nos momentos de luta e de morte. Quantos milhares de soldados, como eu, viram seus amigos de caserna e muitos de infância com as cabeças estragadas, com os peitos metralhados e as pernas cortadas pelas minas traiçoeiras.

Os malefícios das guerras já encheram livros e bibliotecas; resta-nos agora contribuir para evitar qualquer outra guerra. É necessária a a cooperação popular para não mais servir de instrumento aos governantes em manifestações a batalhões que partem, pretendendo dar-lhes conforto moral, com forçados sorrisos, influenciando, com delírios e festejos, os soldados cheios de angústia e de dor. Essa cooperação seria eficiente e decisiva se todas as mães, esposas e noivas, formassem conscientemente ao lado do povo para impedir a partida dos regimentos, estimulando os soldados a não seguirem para a matança, preferindo lutar contra aqueles que a isso os pretendessem forçar.

Ainda melhor seria que os trabalhadores se recusassem a fabricar toda a espécie de engenhos de guerra, porque, assim, veríamos esse monstro desaparecer, irrompendo então os primeiros raios da aurora da paz.

Todo o homem tem um dever a cumprir: lutar até ao sacrifício de sua própria vida em defesa de uma causa justa — pela sua honra, pela sua liberdade, por seu semelhante ou por uma mulher, mas nunca morrer na guerra, porque, assim, é morrer ingloriamente.

O conturbamento político-social de nossos dias prepara, inevitavelmente, a maior de todas as guerras — a guerra atômica. Todas as promessas de paz e os esforços feitos nesse sentido tornam-se baldados por assentarem em bases falsas, em virtude dos choques de interesses entre os dominantes, determinando o desrespeito aos seus tratados.

Novamente as mães chorarão a perda de seus filhos e uma outra legião de jovens mutilados e de desequilibrados exibirá pelas cidades os resultados dos horrores da guerra. Não há honrarias ou dinheiro que compense a perda de uma vida.

O problema de hoje é o problema



A este estado monstruoso os indivíduos ficam reduzidos pela guerra, que é uma consequência da existência do Estado.

de todas as épocas e esse problema não pode ser resolvido por nenhuma guerra imperialista, como essa que ameaça destruir a civilização.

Não há pacifismo sincero de qualquer nação quando seja o seu governo que o proclama. Só se poderá es- manter a sua supremacia política perar uma nova e feroz guerra, que terá por fim conservar as conquistas feitas pela força das armas e pela pressão do dinheiro, ou pelo acampamento de novos campos de exploração por meio da violência ou da diplomacia.

A luta dos libertários — a luta justa — é a luta da produção contra a distribuição, do trabalho contra o militarismo profissional, dos produtores contra os parasitas, da organização livre contra o Estado. Esta luta não é a guerra — é a luta pela renovação social, que libertará a evolução da tirania que detem a sua marcha no sentido de novas conquistas úteis.

Onde floresce a tendência militarista provoca-se a miséria e ruínas. A espada e a cruz tornaram-se ge-

meas como inimigos da humanidade. Os homens não-de compreender um dia que não devem ser dirigidos por leis forjadas e impostas pela engrenagem estatal, mas que terão de se orientar de acordo com as leis biológicas e as normas sociais baseadas no princípio da solidariedade que harmonizará os homens.

As desigualdades físicas e intelectuais não impedem o estabelecimento da igualdade social. Todo sistema de governo tende a disvirtuar este princípio renovador da sociologia, porque as concepções absolutas são arbitrárias na sua aplicação.

Devemos buscar a verdade e propagá-la — para o bem comum. Assim, chegaremos à socialização libertária, que tornará impossível a guerra; e a paz se estabelecerá numa sociedade em que as necessidades coletivas e as aspirações de cada qual terão a possibilidade da mais ampla satisfação, na mais perfeita harmonia social, desenvolvendo-se livremente em caminho para o anarquismo.

PASCHOAL BORELLI

As conferencias do Centro de Cultura Social

Conforme temos noticiado, o Centro de Cultura Social vinha promovendo conferencias semanais, que se realizavam aos sábados, no salão da Associação dos Empregados no Comércio, gentilmente cedido para esse fim.

Em virtude, porém, de novas modalidades que vão orientar a realização dos cursos de conferencias, as conferencias do C.C.S. passarão a ser realizadas, revezadamente, em locais diversos. Dentro de cada mês, serão realizadas duas conferencias no salão referido e nos demais sábados na sede do Centro e em outros locais.

Para o próximo mês está preparada uma conferencia sobre a sífilis, com exibição de quadros e de um filme apropriado, na Galeria Prestes Maia. Também está sendo preparada uma série de conferencias sobre artes, a cargo de oradores especializados nos assuntos dos temas a serem expostos.

As palestras a serem realizadas na sede do Centro terão por temas assuntos relativos aos acontecimentos do momento e serão seguidas de debates.

Movimento Libertario na Africa do Norte

Recebemos do Secretário Geral do Movimento Libertario na Africa do Norte uma carta em que nos comunica a transferencia de Alger para Oran, da sede daquele secretariado.

Providenciamos quanto à remessa de "A Plebe" para o novo endereço.

ATRAENTE FESTIVAL

NO DIA 26 DE JUNHO, AS 20 HORAS, NO SALÃO DO GREMIO DRAMATICO HISPANO-AMERICANO, A RUA DO GAZOMETRO, 738.

Será executado este interessante programa:

- 1.º — Representação, pelo Grupo Teatro-Social, do drama em 1 ato "O Escravo", de Diogo José Sarmiento;
- 2.º — Representação, pelo mesmo grupo, da engraçada comedia em 1 ato "Casa de doidos", de F. Napoleão de Vitoria;
- 3.º — Ato variado, constante de numeros atraentes.
- 4.º — Grande baile.

Os convites podem ser procurados na sede do Centro de Cultura Social, à rua José Bonifácio, 837.

O movimento proletario francês

Este movimento é o resultado de uma ação anti-comunista do sindicalismo reformista no seio da Confederação Geral do Trabalho (C.G.T.). Nada pode fazer supor que esse movimento sirva aos interesses do proletariado através de uma ação sindicalista revolucionária. Continuará representando as massas anti-comunistas organizadas sob os postulados da renovação do movimento proletário pela independência do Sindicalismo. Será no porvir um movimento reformista, um freio às aspirações revolucionárias do proletariado consciente. Parecerá apolítico, mas no fundo será político em virtude dos seus princípios de colaboração de classes. Virá a ser um veículo da economia governamental, que defende-

rá por seu patriotismo, seu nacionalismo em oposição aos comunistas, que escandalizaram as correntes políticas não pela sua ação revolucionária, mas pelo esforço que tem feito no sentido de fazer triunfar o expansionismo sovietico da URSS.

O numero de sindicatos e sindicalizados que controla, segundo a opinião geral, é importante. Esperamos que os descontentes da C.G.T. se pronunciem por uma outra tendência, ou melhor dito, central sindical. Resta saber qual será a decisão da Federação Sindical Mundial, da qual é secretário o sr. Saillant. E' sabido que Saillant sempre se pronunciou a favor da unidade e que não seguiu o movimento da Força obreira. Estamos no prelúdio de um novo desmembramento da Federação Sindical Mundial, no momento em que, de todas as partes do mundo, afluem novas adesões à A. I. T., que jamais atraçou a causa dos trabalhadores.

O cansaço produzido pelas greves provocadas há meses atrás em interesse exclusivo do Partido Comunista, e a fundada suspeita de estarem os trabalhadores se prestando a fazer o jogo desse partido, conduziram as classes trabalhadoras a um estado de desânimo ante as atividades sindicais. Será preciso muito tempo para se reparar esse desastre. Ante esse perigo, explica-se perfeitamente a razão porque o Movimento Força Obreira se decidiu imediatamente pelo rompimento com a C.F.T.

E' sabido que o Partido Comunista, cuja força e prestígio dependem em grande parte da C. G. T., será seriamente alcançado; a decisão da

Força Obreira recorda o rompimento de 1920 no Congresso de Lille. Naquela ocasião foram os comunistas e seus simpatizantes que abandonaram a C. G. T., porque esta se havia negado a aderir a Internacional Sindical Vermelha filial da Internacional Comunista, e fundaram a C. G. T. U.

Foi também por aquela época, pouco depois, que os sindicalistas revolucionários e anarquistas abandonaram a C. G. T. para constituir uma Central Sindical Revolucionária. Atualmente são as minorias opostas à influência comunista que se vão. A história se repete de uma forma inversa.

O proletariado francês encontra-se, presentemente, em face de três expressões sindicalistas: a comunista (bolchevista) que continuará o triste papel de aventureiro em nome da C. G. T.; a reformista, que se proclamará herdeira da C. G. T. da Carta de Amiens; e a revolucionária, que é a corrente da C. N. T. que nós, os anarquistas defendemos e que marcha pela senda da ação direta com o propósito de estabelecer o regime comunista libertário.

Três forças bastante desiguais, na densidade que deverão enfrentar na linha de combate todos os Sindicatos, cada qual em defesa da sua posição. A' espera dos acontecimentos, que não de produzir-se fatalmente, recomendamos aos camaradas de todos os países desfraldar a bandeira da A. I. T., que, sem dúvida, passará vitoriosa através da derrocada do regime odioso que permite a exploração do homem pelo homem.

BERNARDO POU